

> *Carreirinho – entre
arranca, marca e volta de
mal(bem)dito do não quisto:
entrevista com Morgana
Caroline e caminhos de arte,
plantas daninhas e relações
multiespecíficas*

Natalia Negretti

> natalia_negretti@yahoo.com.br
Doutoranda em Ciências Sociais
Universidade Estadual de Campinas


Morgana Caroline Lima Araujo

> morganaaraujo@outlook.com
Licenciada em Artes Visuais
Universidade Federal do Vale do São Francisco




> Carreirinho – entre arranca, marca e volta de mal(bem)dito do não quisto: entrevista com Morgana Caroline e caminhos de arte, plantas daninhas e relações multiespecíficas

Natalia Negretti

 <https://orcid.org/0000-0002-8446-4851>
> natalia_negretti@yahoo.com.br
Doutoranda em Ciências Sociais
Universidade Estadual de Campinas

Morgana Caroline Lima Araujo

 <https://orcid.org/0000-0002-9636-8787>
morganaraujo@outlook.com
Licenciada em Artes Visuais
Universidade Federal do Vale do São Francisco

“[...] Que o sol não estraga
Que nasce nas pedras [...]”
- Nelson Gonçalves



Imagem 1 – Cartaz da Exposição – Acervo da Artista Morgana Caroline.

Em 2017 um lambe num complexo de centros de acolhida na cidade de São Paulo que dizia “A praga é o asfalto. Erva daninha é resistência” foi motivo de um registro fotográfico. Aquela intervenção urbana, que reconhecia as daninhas como parte de relações atravessadas também por e com cimento, naquele lugar, público e não, se juntava a outro marco relacionado às dinâmicas de visibilidade também em cidades: *tecnologias de expulsão* e ação de confusão de fronteiras no reforçar existência de habitantes (FRANGELLA, 2005)¹. Frente

¹ Cabe lembrar que Simone Miziara Frangella (2005, p. 206) ao tratar da dinâmica entre existência e lugar público aponta a inter-ação entre resistência e vulnerabilidade a partir do mesmo

ao diálogo com espaço e acessibilidades que conformava também a paisagem específica em que fora pregado o lambe, a divergência e convergência sobre casa e não casa, assim como passagem e parada para muitas pessoas, a manifestação artística e social se fez destinatária do que concerne às plantas daninhas e aos tantos inacabados processos que vão, vêm, revoltam, retornam, transitam, em chuva e sol, e se fazem não e sim de lutas sobre moradia e situação de rua e simultaneamente espaço e vida de atravessados de distintas gerações de desigualdades.

Fazendo menção à dinâmica de mimese de Stefano Mancuso, a mensagem autêntica fora o “não quisto” multiespecífico. Às daninhas, o mesmo autor (2019, p. 58) atribui adaptabilidade; quanto às mesmas, defende o empreendimento de “sempre que possível aprender a viver com elas”. Adaptar pode ser compreendido como um afeto e efeito de atenção ao que o termo população, em um só tempo, conta e esconde ao precisar elencar um elemento de reconhecimento e conviver com um véu que entrega à diversidade. Envolve, deste modo, existências e respostas a e de pessoas em situação de rua e se emaranham a motes de atravessar e maneiras de estar no mundo². Nesse sentido, cabe lembrar da fala de Ailton Krenak (2016, p. 176) entrelaçada em hierarquias específicas: “rapidamente descobrimos

corpo: “na aspereza da adaptação ao circuito que os comprime que os habitantes de rua reconstroem suas resistências e vulnerabilidades corporais”.

2 Espacialidade, dar nome e respostas específicas de estar no mundo apareceram também em uma reportagem de 2018, veiculada pela recém extinta página do El País Brasil, que informava a tentativa de tramitação de uma lei contra a Aporofobia na Espanha e apresentava o trabalho de Adela Cortina (2017). A autora demonstra como dar nomes às coisas propõe reflexão. Nessa dinâmica entre palavra, escrita e proferir podemos adentrar também no campo de escrituras e suas releituras. Nesse sentido, cabe atentar que Cortina (2017, p. 18), ao direcionar o difícil apontamento com dedos de democracia, beleza, consciência, por exemplo, põe foco também ao que considera como “impossível apontar fisicamente”. Ao apresentar nessa dificuldade, racismo, misoginia, homofobia e xenofobia, a autora anteriormente à apresentação de aporofobia visou sinalar, desta forma, realidades sociais que necessitam de nome para reconhecimento, conhecimento de sua existência, análise e posicionamento frente as mesmas. O padre Júlio Lancelotti tem tramitado em sua militância muito a respeito desse intenso e específico não quisto no território brasileiro.

uma camada sobreposta a essa ideia de humanidade, que sugere que nem todos são tão humanos assim”.

Alguns meses depois, um extrato de uma exposição³ em outra⁴ que trazia as daninhas entremeadas à população em situação de rua fora motivo de um segundo registro visual e de eco àquele lambe, pois em tal obra artística também se encontrava indesejado, emitindo e produzindo. Anos mais tarde, em 2020, na ocasião de escrita de um trabalho que permitiu vincular a bibliografia de um curso assistido⁵ ao campo de pesquisa de quem o fazia, uma tentativa tanto de foco quanto desfoco, em meio a tantos outros possíveis na antropologia, me levou ao crescimento da mensagem autêntica do indesejável intersetorial a uma outra também encontrada anteriormente e guardada: a fala de um político que, ao se retratar sobre a comparação que havia feito entre população em situação de rua e daninhas, argumentava que citou “erva daninha para ficar muito mais fixado na mente da população”.

No período de escrita de tal trabalho, que reunia então três fontes discursivas sobre e entre daninhas e população em situação de rua, uma segunda exposição, de 2019 e encontrada em uma notícia de jornal, esteve presente em uma nota curiosa por relacionar as daninhas à população LGBTQIA+.

3 Exposição *Por que Daninhas?* de Rosana Palazyan.

4 Exposição *São Paulo não é uma cidade*.

5 Disciplina *Interações Vegetais: Relações Entre Humanos, Plantas e Outros Não-Humanos no Debate Antropológico Contemporâneo (2020)*, ministrada no PPGAS-USP pelas professoras doutoras Marta Rosa Amoroso, Ana Gabriela Morim de Lima e Karen Shiratori, a quem agradeço.



Imagem 2 – Morgana Caroline Lima Araujo Santos - Acervo da Artista (2020).

A artista responsável por tal exposição, Morgana Caroline Lima Araujo Santos, nasceu em 1993 em Juazeiro e cresceu em Petrolina. É licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Trabalha com temáticas de diversidade e o hibridismo em suas produções e desenvolve pesquisas em processos criativos que utilizam dos Cadernos-Livros de Artista. A artista visual é também tatuadora e produtora cultural atuante no Vale do São Francisco. Participou de exposições coletivas em eventos e sua primeira exposição individual é nosso ponto de encontro: *Erva Daninha*.



Imagem 3 – Morgana Caroline – Foto de Pollyana Mattana (2019).

Numa manhã de 2021, mais de um ano depois da menção à *Erva Daninha*, ansiar saber mais sobre tal relação artística e social interest específica cresceu em outro espiralado, com constituintes tanto verdes quanto de cimento, no próprio buscar uma aproximação. Pela procura de contato com as responsáveis pela exposição chamariz – hoje dessa entrevista e desde que encontrada, também chamativa no que refere à emissão de não quisto – consegui com Pollyana Mattana⁶, curadora e a quem agradeço, o telefone da artista. Ter com Morgana conversas que rodeiam e rogam terrenos e não quistos empreendeu audição e feitura de áudios de Whatsapp e reunião no Google Meet; revelou também tempo, rotina, desconhecidos, surpresas, contentamento e cuidado.

Importante na interlocução, como são os pontilhados de práticas, o Carreirinho, que, nas palavras de Morgana, “também conhecido ‘vareda’, é um caminho estreito que abrimos no meio dos terrenos baldios para poder ir de uma rua a outra ‘cortando caminho’ sem precisar dar a volta na rua toda. É comum que onde se abre um carreiro, com a frequência dos passantes por ele, não nascer mais as ervas daninhas, então esse caminho fica marcado sempre no terreno onde ele foi aberto”. Título dessa entrevista, bem como grande compositor dos bastidores da mesma, Carreirinho traz uma marca relacionada ao lambe não esquecido e não somente registrado.

Ainda sobre marca e registro, compreender a temática vegetal entre e com conhecimentos indígenas e de matriz africana há centenas de anos empreende lembrar que as atenções a tais questões é que estão envolvidas, como uma ventosa, com o peso da palavra virada e suas próprias limitações no que concerne às daninhas. A moralidade de definir plantas boas e más fora apontada por Krenak (2017, s.p.) a contar do “pensamento civilizado” impresso na natureza: “quando eles dizem que uma planta é boa ou má, quando dizem que tem

⁶ A artista é organizadora do Coletivo Casa.

erva daninha, quando dizem que tem veneno – é uma classificação profundamente influenciada por um pensamento discricionário, preconceituoso e ignorante” (idem)⁷. Evando Nascimento (2021, p. 258) ao atentar o pouco trato da problemática vegetal na tradição filosófica ocidental, informa que “artistas e escritores demonstraram mais sensibilidade para compreender e tratar desse universo tão próximo, mas tantas vezes rechaçado como irrelevante”.

A evidência de simultaneidades conta, desse modo, sobre regimes de visibilidade, permanências e pontos a serem resistidos, além de sugerir cautela ao que se revela como mais de uma disputa. Tal tautocronia distancia a ideia brusca de plantas como novidade, seja referente também às cidades, urbanidade e imaginários, e traz à tona outras tensões frente a quem pode e quer falar – e é ouvido - com e sobre vegetais, bem como relações e interações, corroborando à importante (re)existência de um campo de diversidade – inclusive de contato – entrelaçado à subjetividade.

Frente a essa larga questão, o posicionamento de Emanuelle Coccia (2020, p. 221) pontua que de certa maneira todo conhecimento é totêmico “pois não pode haver conhecimento que não seja retirado de outros seres vivos. E vice-versa: todo conhecimento sobre uma forma de vida particular é sempre um conhecimento sobre as outras formas de vida, pois cada forma de vida é sempre multiespecífica, uma colagem de várias espécies”.

Se Coccia (2022, p. 221) amarra antologias nessa gama, nela o autor também traz, entretanto, duas questões complementares no que concerne às disputas da chamada virada vegetal. Uma se vincula a enquadramentos: “Agora, a relação fundamental que define a relação entre o humano e o não-humano não é mais a caça, o pastoreio ou a agricultura, mas uma certa forma de jardinagem”. A outra se mos-

⁷ Entrevista transcrita no site [entre-entre.com](http://www.entre-entre.com/?Entrevistald=44). Disponível em: <<http://www.entre-entre.com/?Entrevistald=44>>. Acesso em 26/12/2021.

tra importante se mantida a presença de soslaio quanto às difusões humanas ao lado, por trás e frente das plantas como um paradigma novo. Coccia atenta:

É preciso tomar cuidado para compreender que a “virada vegetal” (*plant turn*) não é um amor pelas plantas como tal. É, de um lado, a enésima expressão do amor que os seres vivos têm pelas outras formas de vida e, de outro, uma nova forma de totemismo cujos efeitos, talvez, só poderão ser medidos daqui alguns milênios (COCCIA, 2020, p. 222).

Por fim, vale atentar que as comparações encontradas entre pessoas em situação de rua e daninhas a contar do não quisto revela a existência entre e por estruturas de poder frente à inter e intraespécie. Um levar a sério tais comunicações, muito sensíveis, não significa endossar, mas, pelo contrário, não as ignorar. Como um ato possível, empreendido por diálogos, o deslocamento de não excluir e nem preterir também essas existências (de tais populações e as manifestações que as vinculam) e o não quisto como emissor nessas expressões busca não fetichizar desde nem a população em situação de situação e nem as plantas daninhas – e demais populações - a nem as comunicações que comparam ou ignoram tais ruídos. O som tautócrono de alteridade e desigualdade não dá suposto e sequer fixo de fitocentrismo (NASCIMENTO, 2021) e antropocentrismo, mas emite pistas sobre essas conversas e sua difusão, tanto em caule quanto em pé, sobre não quistos e seus vínculos.

Em toada estimada de ter encontrado em tal trajeto uma exposição multiespecífica que relacionou plantas daninhas a outras manifestações de apontamentos que também atribuem discriminações e resistências, intraespecíficas e de pessoas, de e frente a não quisto, ouvir Morgana extravasa e, dessa forma, faz mais forte o sucedido mimético. Essa permeabilidade e interação envolve, com grande importância para mim, um agradecimento múltiplo que envio a ela. Num contexto competitivo não somente em torno de vegetais e de vozes multi e intraespecíficas, bem como do que é tanto não feito quanto

produzido por meio das simbologias e suas hastes, Carreirinho ecoa à processual virada vegetal no também construído mundo científico. A palavra que trouxe e faz marca é uma pela qual também agradeço - e por isso tomo e ofereço - por contar ainda sobre outros temas disponíveis na entrevista, como territórios, poder e demarcação.

Assim como Carreirinho constituiu e marcou essa conversa, no caminho, logo no primeiro áudio resposta de Morgana, estava também outra vertente sobre espaço, disputa, e visibilidade que ligava o seu dizer a um paradigma evidenciado por Durval Muniz Albuquerque Júnior (2011). Enquanto ela falava sobre a surpresa da exposição ter chegado em São Paulo diante dos registros e reiteraões insistentes da ideia de arte regional, ele me era lembrado pela relação entre invenção e reelaboração. Albuquerque Júnior direciona que a invenção do Nordeste, compreendida como reelaboração de imagens e enunciados construtores do antigo Norte, “só foi possível com a crise do paradigma naturalista e dos padrões tradicionais de sociabilidade que possibilitaram a emergência de um novo olhar em relação ao espaço” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 52).



Imagem 4 – Exposição Erva Daninha - Acervo da Artista.

Em torno de conversas não inocentes (HARAWAY, 1995) cabe, por fim, trazer uma conceituação de Albuquerque Júnior que pode ser expandida. A contar de diferenciações internas à nação, o autor mostra que regiões podem ser pensadas como a emergência de diferenciações no que concerne ao exercício de poder. Se estendida ao campo do conhecimento, também composto por territórios e agrupamentos, a ideia de região como produto de batalha também tem força, demanda e estratégias. Na compreensão de que “a região é o botim de uma guerra” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 36), a entrevista que segue traz elementos sobre o campo de práticas, discursos e sua relação, bem como a mobilidade de mais de um solo.

NN: Morgana, da nossa primeira conversa eu guardei um ponto, uma esquina-informação que retomarei aqui, mas hoje chamo atenção ao nosso segundo encontro em que você me relatou sobre sua infância marcada tanto por daninhas quanto por cadernos. Trago essa lembrança como maneira de pedir para que você fale sobre possíveis relações entre e a contar dessas folhas e apresentar sua trajetória.

MC: Bem, eu cresci no bairro que moro até hoje com meus pais, estou aqui desde os 6 anos de idade. Por conta de um processo judicial, o loteamento ficou anos sem vender terrenos e isso ajudou na proliferação de mato (erva daninha) nos terrenos baldios e eu fazia desses meus campos de brincadeira. Durante a infância, passei por situações que me isolaram socialmente, com isso era muito comum me encontrar em meio a essa vegetação, fazendo dela meu brincar favorito. Outro que me acompanha desde a infância é o caderno de desenho, que futuramente na universidade, passou a ser meu objeto de estudo, pesquisa e prática artística. Sendo assim, entendo que minha trajetória enquanto artista, ainda que formalmente seja recente, ela vem desde minha infância, ou ela é um reflexo dessa infância,

ainda que solitária, rica de detalhes, de criatividade que me fizeram e fazem a artista que sou hoje. Entrei na universidade em 2013, aos 19 anos, em uma licenciatura em artes visuais e lá me deparei com um mundo onde o meu brincar podia ser minha linguagem, o desenho podia ser minha expressão artística, os cadernos meu suporte e fui compreendendo minha fala, fui lidando com uma sala de aula aos 20, sem credibilidade alguma com os alunos e pude ganhar a confiança deles através do meu trabalho, quando assumi que meu fazer artístico contribuía na minha didática e minha didática contribuía no meu fazer artístico.

NN: Nesse sentido ainda, como você lembra de seus primeiros contatos com as artes?

MC: Esse contato começou mesmo nesse fazer infantil, dentro de minhas brincadeiras o desenhar já era a preferida, eu sempre fiz meus próprios cadernos e fazê-los me motivava mais a desenhar. Eu desenhava tal qual toda criança, mas isso ultrapassou o desenho apenas como desenvolvimento cognitivo e passou a ser rotina, até refúgio se parar para pensar melhor. Quando entrei na universidade, meu professor da disciplina de desenho I pediu para que fizéssemos os nossos próprios cadernos a ser utilizados para as atividades da disciplina e isso me despertou um mar de possibilidades, agora o meu brincar era fruto da avaliação na disciplina e, futuramente, passou a ser meu suporte enquanto artista visual. Daí em diante, passei a usar os cadernos dentro tanto da minha produção artística como na minha prática pedagógica e este, futuramente, se tornou objeto de pesquisa para meu TCC em que identifiquei que no meu processo ele se enquadrava enquanto caderno/livro de artista.

NN: Participa de coletivos? E de movimentos sociais?

MC: Desde 2017 faço parte do Núcleo de Artes Visuais do Sesc Petrolina que é coordenado por uma grande amiga e artista aqui do Vale, Lys Valentim. Ainda na universidade fiz parte de um coletivo de intervenções urbanas, o Cópia, liderado por minha ex-professora e atual amiga, Clarissa Campello onde fazíamos cópias de intervenções já feitas em outras cidades só que as adaptando a realidade do Vale do São Francisco. Em setembro desse ano, junto a 3 amigos e artistas, Zuza, Xarolaine e Tamara, abri o Submédio Coletivo, um espaço cultural onde funciona um estúdio de tatuagem. A parte cultural para galeria e exposições, oficinas e eventos, ainda estamos organizando tudo e queremos estar a todo vapor no ano que vem, mas o estúdio de tattoo já está rolando e bem atuante. Como produtora cultural, ao lado de minha amiga Lys Valentim, temos a produção da primeira (e até agora, única) feira de impressos e arte sobre papel, a Feira Rebuliço, que ocorre sempre no beco da cultura, um espaço hoje abandonado, mas que carrega uma forte história de resistência e luta cultural em Petrolina.

NN: Como avalia sua inserção no campo artístico e as artes como campo profissional e de disputas?

MC: Olha, falar de inserção cultural para mim é falar sempre de uma luta constante. Eu sou mulher, lésbica, nordestina e interiorana, moro em uma cidade do sertão pernambucano marcada por uma política de coronéis, então por aí você já tira. Hoje nós temos no vale do São Francisco uma universidade federal e nela, um curso de licenciatura em artes visuais que me possibilitou não sair de minha cidade em busca de conhecimento, mas essas possibilidades acabam

aí. A partir do momento em que nos formamos, ou buscamos formação continuada nos grandes centros urbanos ou vamos ficando para trás, isso dentro da atuação pedagógica, pois quando se fala em atuação artística o cenário é ainda mais turvo. Atualmente lidamos com esse desnível dentro da seleção do edital da Lei Aldir Blanc aqui de Pernambuco, onde mais de 50% dos aprovados no edital são da região metropolitana com a desculpa esfarrapada de lá se concentra um número maior de produção. O argumento é ilógico, a produção artística no sertão vem sendo cada vez mais presente e o único lugar de escoamento que temos aqui em Petrolina é o Sesc, ou espaços alternativos como o que venho tentando criar com o Submédio e a feira Rebuliço, já que os editais nos colocam em posição de inferioridade mediante produções desenvolvidas nas regiões metropolitanas e isso nos leva para a resposta da próxima pergunta.

NN: Se puder retomar uma das esquinas da nossa primeira conversa e falar sobre o termo “arte regional”...

MC: Quando você me procurou para a entrevista, o meu espanto foi reflexo dessa tentativa de enquadrar as produções desenvolvidas no interior como “regionalistas”. Para meu trabalho chegar até você aí, que habita o maior centro urbano do país, meu trabalho teve que atravessar fronteiras muito mais extensas que um feito aí, por exemplo. Isso não quer dizer que meu trabalho seja melhor ou pior que qualquer um outro, mas que ele é constantemente limitado. Minha produção artística fala de mim, de meus anseios e questões pessoais, mas ela fala disso através do outro e do lugar onde eu habito. Porém, ainda de meu trabalho fale desse lugar e sobre essas pessoas que aqui estão, a “padronização” imposta pelo temos regional vem de uma tentativa histórica de diminuir tudo e todos que daqui falam, são, transmitem. O temos “arte regional” é xenofóbico, é uma

tentativa descarada de diminuir a nossa produção, de maquiar a distribuição fraudulenta das vagas para ocupar os espaços de arte, é a tentativa de afastar a nossa fala, a nossa história, colocando a gente num palanque diferente, menor, lá atrás nos fundos da galeria, quase como um artefato, ao exótico.

NN: Como você descreve a manifestação artística conhecida como lambe? Como o vê em relação a narrativas sobre cidades?

MC: Dentro das linguagens que desenvolvo nas artes visuais, a arte urbana veio a mim através do lambe-lambe e eu me encontrei muito com ela. O lambe é um crítica à poluição e ocupação da cidade pela propaganda e foi muito utilizado como propaganda das manifestações sociais dentro do marketing de guerrilha. Hoje ainda há uma grande disputa pela ocupação da cidade em si e o lambe ainda está presente dentro da propaganda comercial, por isso a importância de sua utilização para as artes, pois também vejo como democratização do acesso às artes. Se as galerias e espaços culturais são espaços na cidade, o lambe insere no dia a dia a arte, no caminho para o trabalho, para a escola e etc. A produção do suporte do lambe também vem sendo alterada, desde a serigrafia, a pintura manual e impressões, mas acredito que o trunfo seja a sua facilidade de aplicação, contribuindo assim na ocupação principalmente de local não previamente autorizados. No meu caso, minha relação com lambe vem atrás do meu diálogo direto com o papel, fazendo com que minha produção que antes estava nos cadernos, transborde para a cidade.

NN: Pode contar sobre desenhar em outro suporte, o corpo, como você referenciou, e sua aproximação com a tatuagem?

MC: Dentro da minha pesquisa com o desenho e, a minha produção artística é um constante pesquisar, eu busco explorar outros suportes, trazendo assim o desenvolvimento do desenho para um campo expandido. Foi assim com o lambe-lambe onde meu suporte passou a ser a ser a cidade e recentemente, comecei a explorar o meu desenho sobre o suporte do corpo através da tatuagem. Desde a Universidade que ouço sobre meu traço se assemelhar com o da tatuagem, o que de certa forma é um mito, já que a tatuagem contemporânea tem tantos traços distintos que é difícil até os catalogar. Mas confesso que essas falas sempre mexeram comigo e, no início do ano, parei de trabalhar em escolas particulares como professora de arte sentindo na pele o que é e com a escassez de editais, como uma forma primeiramente de busca financeira, decidi começar a tatuar. Fiz alguns que o isolamento me permitiu ter acesso remoto e então comecei a explorar nessa linguagem a possibilidade de expandir o que eu já fazia no papel, agora na pele. Então na tatuagem, eu trabalho com desenhos autorais, utilizando uma técnica que eu já explorava no desenho, que é a hachura e que na tatuagem eu trabalho dentro do rastelado e do *blackwork*, também trazendo temas como os caminhos afetivos, tendo em algumas tattoos um traço em vermelho, que em meu trabalho são geolocalizações de locais de afeto.

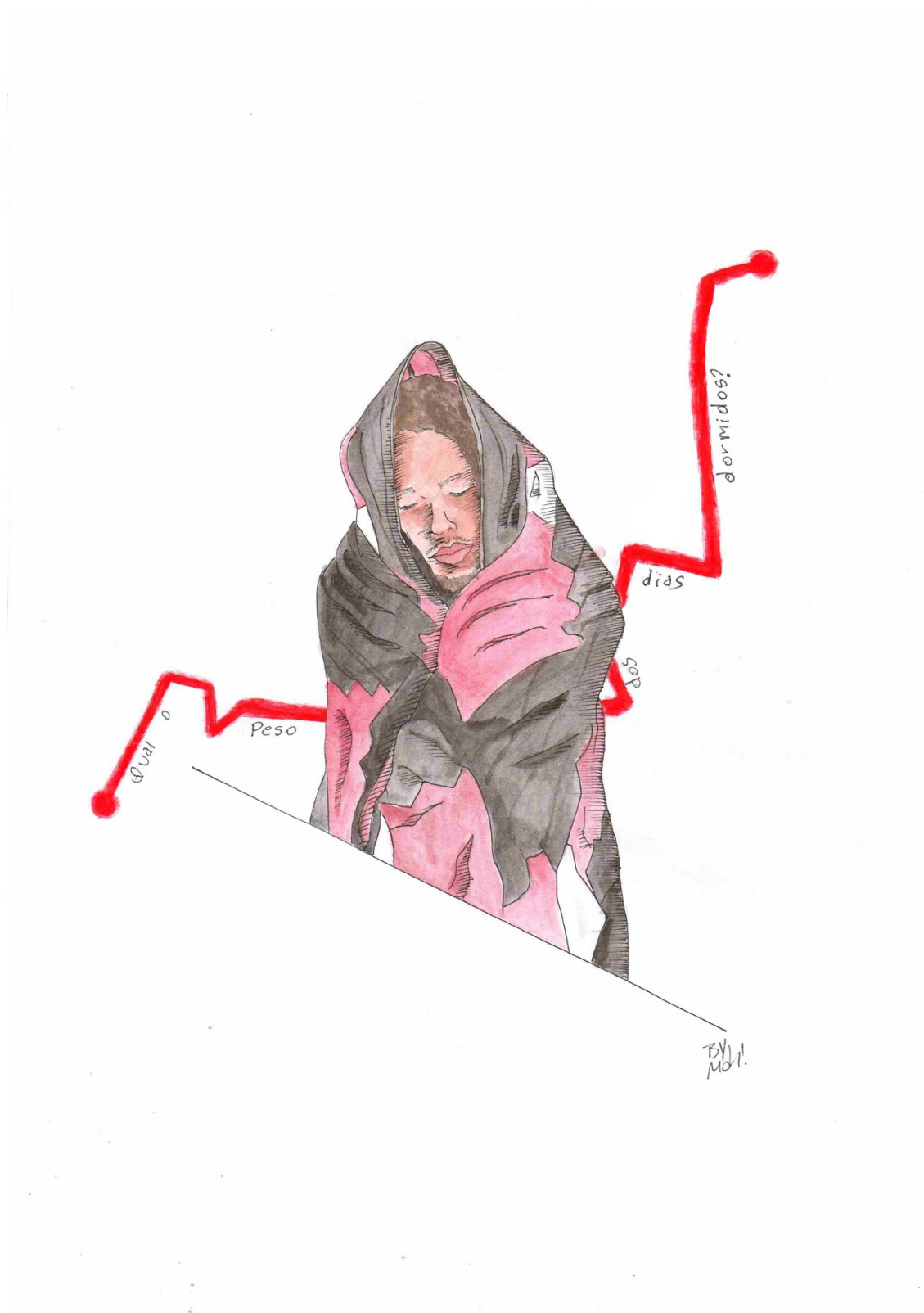


Imagem 5 – Obra da Exposição Erva Daninha – Acervo da Artista.

NN: Finalmente a exposição *Erva Daninha*. Me conte por favor sobre a ideia da exposição, bem como processo criativo e de pesquisa, algo que você evidenciou como inseparável.

MC: Quando Pollyana me convidou para expor no espaço dela, eu não tinha nenhuma ideia de exposição em mente, então tivemos uma conversa e eu saí de lá muito pensativa. A temática LGBTQIA+ sempre foi importante para mim, sendo eu parte da comunidade e sentindo na pele o que é ser uma mulher lésbica. Eu fiquei com a primeira garota apenas aos 21, mesmo já tendo certeza da minha orientação desde, sei lá, uns 11 anos de idade. Mas, acontecimentos de minha infância e uma pressão social e religiosa me fizeram reprimir quem eu era para ser alguém mais “encaixável”. Quando fui convidada para expor, eu estava em um recém iniciado relacionamento (que hoje já não existe mais). Esse foi meu primeiro namoro e era com uma mulher, tudo isso estava muito ali, turbilhando minha cabeça, todas essas coisas que nos cercavam, o fato que não podíamos demonstrar afeto em público, por medo, por precaução, por cuidado pois a família dela é extremamente religiosa e tudo isso me afetava. Foi então que me veio a assimilação de minhas memórias de infância, das brincadeiras nos terrenos baldios de meu bairro, do não entender o motivo de terem aquelas plantas como “feias” quando eu amava estar entre elas. Assimilei isso ao fato de acharem meu relacionamento “feio”, “errado”, “impróprio” quando eu amava estar nele. Foi aí que percebi que, ser LGBTQIA+ é ser uma erva daninha, é resistir em meio ao caos, nascer e sobreviver nas mais extremas condições é ter uma beleza tão rara que poucos conseguem perceber e, principalmente, é ser ainda mais forte quando estamos próximos dos semelhantes a nós. Comecei então o processo de pensar a estrutura do que seria a exposição, que eu já havia batizado de *Erva Daninha*. Como meu trabalho pode até partir de mim, de minhas inquietações, mas ela acaba sem-

pre falando através do outro, comecei a pensar como o outro estaria aqui, nessa exposição. Resolvi então convidar pessoas que não são nascidas no Vale do São Francisco, mas que por algum motivo vieram a crescer suas raízes aqui. Começou então um trabalho de seleção dessas pessoas, amigos, amigos de amigos, completos desconhecidos e então o convite. Expliquei o processo do que queria fazer, pedi para que cada um contasse um pouco de si e como se viam enquanto ervas daninhas aqui no Vale. Escolhi pessoas LGBTQIA+, lésbicas, gays, pans, trans e etc. Depois disso o processo foi o de produção, pedi uma foto dessas pessoas ou casais, criei o desenho, fiz a assimilação com uma erva daninha da região, compus a imagem com essa daninha e acrescentei um traço em vermelho, uma geolocalização do local de onde essas pessoas saíram, até aqui.



Imagem 6 – Obra da Exposição Erva Daninha – Acervo da Artista.

NN: Você considera o processo de Erva Daninha uma interlocução de Pesquisa? Inclusive no sentido de que interessades enviavam seus textos e tal material-partilha gerava o desenho e aproximação com espécies de daninhas?

MC: Eu compreendo a produção nas artes visuais sempre como uma pesquisa. Em meu trabalho busco sempre evidenciar o processo criativo, ele é sempre mais rico que a obra em si e esse processo é ou parte sempre de uma pesquisa. Em erva daninha, pesquisei e li diversos artigos sobre a vegetação, de modo geral e também focado a sua proliferação aqui no Vale. Todos escritos por agrônomos, pensando no cenário de que Petrolina é um dos maiores polos de exportação de frutas do país, as ervas daninhas eram sempre descritas como pragas nesses artigos, o que foi me gerando mais incômodos e inquietações durante o processo. Achei então um único artigo em que, ainda não tratasse de forma totalmente positiva, também não tomava como praga as daninha e sim explicava a sua origem biológica, salientando o fato (que me chamou a atenção) de que as daninhas são a primeira vegetação existente na terra. Antes que o homem aprendesse a cultivar, as daninhas já estavam aqui, por isso a sua maior resistência nos solos onde se proliferam, pois aprenderam a se estabelecem sozinhas ali, sem intervenção de agrotóxicos ou modificações genéticas para tal, por isso em um jardim doméstico é comum que a existência de muitas daninhas acabam por enfraquecer e até matar as plantas ornamentais que custaram caríssimo, pois a daninha já estava ali muito antes de haver o jardim, a casa ou a cidade, ela só foi constantemente arrancada, mas ela sempre volta. Isso é uma total semelhança com a comunidade LGBTQIA+, nós sempre estivemos aqui, nós sempre existimos, só que somos constantemente arrancados (mortos, expulsos de casa, não temos emprego, condições de vida dignas...). Essa assimilação entrou na exposição, estando eu de posse desses artigos

e de materiais que me davam as características genéticas de algumas daninhas, assemelhava essas características ao texto que cada participante me mandava de si e com isso, compunha o desenho. Primeiro fiz esses desenhos em um caderno, que também expus e em segui reproduzi esse desenho em tamanho maior, com nanquim sobre papel e numa espécie de lambe-lambe os grudava sobre uma madeira, um suporte barateado, para fugir das “molduras das grandes galerias”.



Imagem 7 – Exposição Erva Daninha – Acervo da Artista.

NN: Qual foi a questão mais forte em sua proposta e nessa exposição, que contava também sobre ocupação, inclusive da cidade Petrolina?

MC: Petrolina é uma cidade onde a geração nascida aqui tem em média minha idade, ou seja, a geração de meus pais não nasceu em

Petrolina, migrou para cá. Com a implantação da universidade e com as oportunidades de emprego através do agronegócio e hidrelétrica, ficou ainda mais presente a ocupação desse espaço por pessoas nascidas em outros lugares. Eu acredito que a gente é constantemente influenciado pelo local que habitamos, mas quando não conhecemos esse lugar, não nos conhecemos. Falas sobre a comunidade LGBTQIA+ na exposição *erva daninha*, além de tratar de questões de preconceito direto, de desinformação era também falar sobre como habitamos esse lugar, de como nos permitem habitá-lo e de como o modificamos com nossa presença aqui. Eu nasci aqui, mas as pessoas que retratei em *Erva Daninha*, não. E mesmo assim estamos todos habitando um mesmo espaço, lutando a mesma luta, sofrendo os mesmos preconceitos, questionamentos e inquietações. Era importante para mim e ainda é, falar sobre meu território, sobre esse lugar que os de fora insistem em padronizar, estereotipar e tentar encaixar em características únicas quando somos múltiplos e diversos.

NN: Quais outras questões você relaciona às ervas daninhas e o que você considera que daninhas fazem perceber?

MC: Hoje em dia é comum ouvirmos o termo “pai e mãe de planta” e isso nos leva a diversas formas de compreendermos um preconceito velado que eu tento trazer à tona em *Erva Daninha*. Plantas ornamentais chegam a custar um absurdo pelo simples discurso de que são “belas”, mas que tipo de beleza é essa que vale tanto? Essas plantas são frágeis, não são dessa região, não se adaptam aqui e mesmo assim querem ter em suas casas. Eu sempre vi beleza nas ervas daninhas que me cercavam, o brejo sempre me chamou a atenção por suas sementes na parte superior de seu caule, as mais diversas flores com diferentes cores, formatos e tamanhos se proliferam aqui todos os anos, ali, de graça e ninguém nota, isso sem falar no poder

medicinal milagroso do chá de quebra-pedra, ou no sabor extraordinário da beldroega, tudo ali, de graça e ninguém nota. Não é muito difícil perceber as semelhanças que erva daninha trás com a nossa sociedade atual, onde é mais fácil gastar com o que nos impõem como belo do que perceber a simplicidade de uma beleza que está bem na nossa frente e isso, não tratando de beleza estética, mas sim de significados. Sendo assim, tudo e todos que estão nas margens, são vistos como ervas daninha socialmente, eu por ser mulher sou daninha aos homens, ou por ser lésbica sou daninha à tradicional família brasileira, eu por ser nordestina sou daninha aos dos grandes centros, eu por ser sertaneja/ ribeirinha sou daninha à capital, o pobre que viaja de avião é daninha à elite, o morador de rua é daninha à madame, o filho do pedreiro que se forma em medicina é daninha ao filho do empresário de sucesso...



Imagem 8 — Acervo da Artista.

NN: Como descreveria a linha vermelha, uma de suas marcas, sobre a recepção e rotatividade de Erva Daninha em Petrolina?

MC: No meu trabalho, acabou se tornando uma “marca” minha, esse traço em vermelho. Ele é uma relação de afeto, seja na representação de uma saudade, de uma conquista ou de perda. Em Erva Daninha esse traço representa o deslocamento dessas ervas daninhas que vieram proliferar no Vale do São Francisco. A exposição Erva Daninha nasceu através do convite de Polly para estar no Coletivo Casa, mas ela acabou transbordando e alcançando lugares que eu nem sonhava imaginar (essa entrevista é um exemplo disso). Logo após eu ter desmontado erva daninha no coletivo casa, fui convidada a expor no único shopping de Petrolina, dentro de um evento de moda. Quando a exposição estava no Coletivo Casa, na parede de fundo que recebeu os lambes de Erva Daninha, eu pintei o traço vermelho do deslocamento da exposição de minha casa (onde a produzi) até o coletivo. Ainda no mesmo ano, fui convidada a expor no hall do teatro Dona Amélia do Sesc Petrolina e lá também pintei na parede o traço vermelho, do trajeto de minha casa até o Sesc, demarcando assim essa rotatividade que Erva Daninha teve na cidade.

NN: Se possível, por favor apresente também outros trabalhos seus e a relação entre eles.

MC: Acredito que meus trabalhos não tenham uma ligação direta, mas no fundo se conectam por essa minha necessidade de trazer à tona algumas inquietações. Recentemente fiz um para a mostra fluante, uma exposição que acontece em uma barca na travessia entre Petrolina e Juazeiro, a obra se chama Suindara e são aproximadamente 600 cartões em papel Canson 140mg com em média 5cm x 7cm,

com o carimbo do desenho de uma Suindara (conhecida como rasga mortalha, há um credo popular de quando essa coruja rasga seu grito sobre uma casa, alguém daquela residência irá morrer). A obra representa as vítimas da Covid-19 em Petrolina e o presságio que talvez nem a suindara tenha sido capaz de prever. Outra obra que também traz questões da pandemia é *Clausura de Ideias*, onde retrato artista em seus momentos de isolamento por meio de um desenho em nanquim e aquarela, também pedi para que eles me falsem sobre o isolamento para eles o limitar na produção artística, além de me contarem o último lugar onde foram antes do isolamento e o local onde estavam quarentemados e com essa informações, compus o desenho com o traço vermelho característico de meu trabalho, agora geolocalizando esse último lugar de ida e o local de quarentena de cada um, com um trecho escrito da nossa conversa sobre o isolamento. Durante a pandemia produzi algumas coisas em audiovisual, por conta das limitações dos editais para esse momento. Um outro trabalho que tenho bastante apreço é *Sobrenome*, um estandarte em algodão cru, costurado e desenhado a mão, onde retrato minhas memórias e relações de infância a fim de construir a identidade de minha família e trazer à tona a importância das diversas famílias com compõem o Vale do São Francisco em detrimento a idolatria descontrolada que há aqui pelas “grandes famílias” coronelistas que se dizem e se acham donas desse lugar, dessa terra, dessa gente. Acho que não cabe aqui falar sobre todos os trabalhos que já desenvolvi, mas quem quiser conhecer mais sobre, pode conferir no meu perfil no Instagram @moharts e lá na bio tem o *link* do meu portfólio.

NN: Há algo que você queria colocar e não perguntei?

MC: Acredito que não, acho que agora eu só queria agradecer mesmo pelo convite e paciência, reiterar o quão importante foi esse contato de poder falar de meu trabalho e dessa exposição que é tão importante para mim.



Imagem 9 – Acervo da Artista.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

COCCIA, Emanuele. A virada vegetal. **Calibán: Revista Latino-Americana de Psicanálise**, v. 18, n.1, p 218-222, 2020.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, el rechazo al pobre: un desafío para la democracia**. Barcelona: Paidós, 2017.

FRANGELLA, Simone M. Moradores de rua na cidade de São Paulo: vulnerabilidade e resistência corporal ante as intervenções urbanas. **Cadernos MetrÓpole**, n. 13, p. 199-228, 2005.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 07-41, 1995.

KRENAK, Ailton. Entrevista transcrita no site entre-entre.com. **Entre**, 22 ago. 2017. Disponível em: <http://www.entre-entre.com/?Entrevistald=44>. Acesso: 26 dez. 2021.

KRENAK, Ailton. As alianças afetivas. Entrevista a Pedro Cesarino. In: VOLZ, Jochen, RJEILLE, Isabella (orgs.). **32º Bienal de São Paulo: “Incerteza viva: dias de estudo”**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MEDINA, Miguel A. O ódio aos pobres sai da escuridão: senado espanhol votará pela inclusão da ‘aporofobia’ como agravante no Código Penal. Vários moradores de rua relatam as agressões que sofrem. **El País**, 05 ago. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/04/internacional/1533407246_853089.html. Acesso em: 27/12/2021.

NASCIMENTO, Evando. **O pensamento vegetal: a literatura e as plantas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

NEGRETTI, Natalia. Um encontro sobre espaço: discursos sobre população em situação de rua, plantas daninhas e não quisto. **Revista Debates Insubmissos**, v. 4, n. 13, s/p, 2021.

“Carreirinho – entre arranca, marca e volta de mal(bem)dito do não quisto: entrevista com Morgana Caroline e caminhos de arte, plantas daninhas e relações multiespecíficas”, de autoria de Natalia Negretti e Morgana Caroline Lima Araujo, está licenciado sob CC BY 4.0.

